

A INFLUÊNCIA DE FEUERBACH NA CRÍTICA KIERKEGAARDIANA AO CRISTIANISMO

Jadson Teles Silva

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

INTRODUÇÃO

Em 1844, Søren Kierkegaard, inicia a leitura de “A Essência do cristianismo”, obra central do pensamento de Ludwig Feuerbach. Neste mesmo ano o dinamarquês publica dois de seus escritos mais célebres: “O Conceito de Angústia” e “Migalhas filosóficas”. Este último claramente influenciado pela filosofia do alemão. Nota-se, por exemplo, que nas *Migalhas filosóficas*, o pseudônimo Johannes Clímacus, utilizado estrategicamente por Kierkegaard, se declara não cristão, e vai manter um diálogo controverso, ainda que implícito, com o autor de “A essência do cristianismo”. Clímacus vai analisar o problema da *história* e da *verdade*, tendo como modelo teórico o cristianismo. Álvaro Valls na apresentação da edição brasileira da obra *Migalhas filosóficas* afirma:

Embora ainda não diga explicitamente, Clímacus conhece bem o pensamento de Ludwig Feuerbach e mantém com ele aqui uma polêmica nas entrelinhas. [...] aqui nas *Migalhas* a discussão é central. Senão vejamos: a idéia central da “Essência do Cristianismo” é a da “projeção”, do cristianismo como fruto de projeção de nossas qualidades e desejos. Nas migalhas, a questão fica propositalmente invertida (KIERKEGAARD, 2005, p. 12).

No *Poscriptum final não-científico às Migalhas Filosóficas* de 1846, Kierkegaard, ainda utilizando o Pseudônimo Johannes Clímacus, faz referência direta a Feuerbach, aconselhando que aqueles que desejam entender o sentido do cristianismo que leiam o autor “escandalizado”. Nesta obra, Kierkegaard começa a esboçar sua severa crítica ao cristianismo e a Igreja dinamarquesa de sua época. Para ele, os pastores e teólogos não sabiam o que significava ser cristão ao passo que o autor escandalizado sabia muito bem sobre aquilo se colocava contra. Tal

crítica vai alcançar um tom polêmico e marcadamente satírico nos fascículos que ele mesmo editou em 1855 denominados de *O instante*. Nestes, há também a influência da análise Feuerbachiana acerca da essência do cristianismo, que se tornará fundamental para Kierkegaard definir a autenticidade do *ser cristão*.

Kierkegaard e Feuerbach São autores que se situam no período filosófico denominado pós-hegeliano, ambos se destacam pela crítica ao sistema hegeliano, ao mesmo tempo em que, cada um de modo distinto, herda de Hegel uma influência notória e marcante, como afirma Gimenes de Paula:

Kierkegaard também partilha deste legado intelectual, a saber, os herdeiros de Hegel, juntamente com outros notórios pensadores. Assim para se compreender a crítica kierkegaardiana à filosofia hegeliana e à cristandade é necessário situá-lo no contexto adequado [...]. Kierkegaard e outros pensadores do período histórico compreendido entre Hegel e Nietzsche, Também chamado de período pós-hegeliano, jamais poderiam ter realizado sua própria filosofia sem o conhecimento do sistema teórico do autor da *Fenomenologia do espírito* (PAULA, 2009, p. 17).

Apesar de ambos se constituírem num período que os aproxima e de serem severos críticos do cristianismo, eles se diferenciam em seus objetivos. Enquanto Feuerbach pretende reduzir o cristianismo e toda religião à antropologia, Kierkegaard pretende salvar o cristianismo da cristandade, recuperando o crístico, perdido na história cristã.

Já o filósofo Jürgen Habermas afirma que os herdeiros de Hegel fundam seu discurso a partir da crítica que Hegel faz, de modo inconsciente, à tradição filosófica, quando este inaugura o tema “a dialética do esclarecimento”. Desta maneira, tanto Feuerbach quanto Kierkegaard assumem um discurso de ruptura consciente e exigem o que Habermas chama de *peso da existência*: Feuerbach persevera que a natureza humana é existência sensível comprovada pelo sentimento e paixão e Kierkegaard eleva radicalmente a autenticidade da existência do indivíduo. Ambos criticam a razão centrada no sujeito e a partir daí o conceito de iluminismo cravado no século XVIII afirmando que ele era falso e foi produto de uma auto-ilusão, pois os princípios de esclarecimento aí forjados subscrevem um limite na ação do conhecimento do exterior (objetos) e do interior (consciência-de-si) e no próprio processo de torna-se esclarecido. Nas palavras de Habermas:

[...] Protestam, portanto, contra as falsas mediações, efetuadas meramente no pensamento, entre natureza subjetiva e objetiva, entre espírito subjetivo e objetivo,

entre espírito objetivo e saber absoluto. Insistem na dessublimação de um espírito que se arrasta no redemoinho da sua auto-relação absoluta (HABERMAS, 2000, p. 77).

Kierkegaard nutria uma simpatia e um respeito profundo aos escritos filosóficos de Feuerbach. Segundo Paula, Feuerbach foi um autor apaixonado, e a paixão é o que leva o homem a prática, sendo assim, o dinamarquês o utilizou de forma estratégica para atacar e dissolver a ilusão da cristandade.

PARA UMA CRÍTICA DO CRISTIANISMO: DE FEUERBACH A KIERKEGAARD

Para Feuerbach, o cristianismo é uma ilusão da mente do homem, uma projeção doentia que fantasia um ser dotado de atributos puramente humanos. O homem, através do cristianismo, antropomorfizou ainda mais a figura de Deus, atribuindo-lhe características humanas. Sendo assim, Feuerbach conclui que a essência de Deus é a mesma essência do homem:

A essência divina nada é senão a essência humana, ou melhor, a essência do homem purificador, liberta das limitações do homem individual, objetivada, isto é, intuída e adorada como uma essência própria, diferente, distinta dele. Todas as determinações da essência divina são, por isso, determinações humanas (FEUERBACH, 2001, p. 24).

O autor alemão assevera que o homem é ser dotado de razão e também de imaginação, e essa faculdade de imaginar é capaz de ir além de suas limitações, desta forma, o homem é capaz de falsear através de sua imaginação. Por isso, ele julga a teologia como fruto de uma mente patológica.

Kierkegaard, assimilando tais críticas empreendidas por Feuerbach, vai atacar o cristianismo de sua época. A Igreja daquele período era uma instituição oficial do Estado e, por conseguinte, seus pastores eram os funcionários que estavam encarregados na manutenção do cristianismo na Dinamarca. Para ele, os pastores são por essência, contrários ao cristianismo. Deste modo, analisa Marcio Gimenes de Paula:

Kierkegaard reconhece e mostra-se ciente da oposição que enfrentará nesse seu caminho rumo a assumir-se como religioso. Tal oposição é esperada, pois aqueles que se julgam cristãos estão verdadeiramente na ilusão e os pastores nada mais

seriam que mestres em tal ilusionismo. Aqui, Feuerbach é novamente a referência: religião é ilusão (PAULA, 2009, p. 122).

Kierkegaard avalia, no segundo fascículo do “O Instante”, que para instalar o cristianismo na Dinamarca seria preciso primeiramente que a ilusão dos homens que se consideram cristãos desapareça. O primeiro passo seria considerar que o Estado e o cristianismo não funcionam juntamente. Os pastores, tendo a essência contrária ao cristianismo, estariam a serviço do Estado e não interessados em entender o cristianismo, pois, desejavam conservar seus cargos. O segundo passo seria que o Estado destituísse a Igreja Oficial e acabasse com a ilusão de um ‘Estado cristão’.

O pastor está pecuniariamente interessado que as pessoas se denominem cristãs; pois assim, cada cristão (com o Estado como arrecadador) é membro contribuinte e contribui na mesma direção, dando a todo o estamento um poder palpável – mas nada é mais perigoso para o verdadeiro cristianismo, nada é mais contrário à sua essência do que fazer com que os homens tomem com rapidez o nome de cristãos, como se tal fosse algo fácil. E o pastor está pecuniariamente interessado que assim seja e que, ao tomar o nome de cristãos, os homens não se inteirem do que é o cristianismo em verdade (KIERKEGAARD, 2006, p. 23).

Na concepção Kierkegaardiana, a sociedade dinamarquesa forjou o Estado cristão através da imaginação corrompida do homem, que doente, deseja sempre a ilusão. E assim, a Igreja Oficial e seus pastores passaram a desejar o mundo. Mas para o autor dinamarquês, o Novo Testamento ensina que o cristianismo é a renúncia deste mundo.

A sociedade dinamarquesa tornou tudo público, não restando nenhum indivíduo, “Cada indivíduo é público”. Desta forma, não se vive uma verdadeira religião, mas antes, o que resta é uma indiferença e a religião logo se converte em entretenimento. O cristianismo é uma práxis privada e o que sustenta a falsidade desta prática vivida pelo Estado é a apatia humana e, sobretudo o interesse dos pastores em conservar seus cargos, mantendo assim análoga ilusão. Pois, o que interessa para a ordem estatal estabelecida pelo clero é: a posição e o dinheiro.

Segundo Kierkegaard, a política e a religião pertencem a esferas divergentes. Enquanto a primeira diz respeito às coisas terrenas e temporais, a segunda pretende a transfiguração do homem, ou seja, busca elevar o homem ao eterno. A religião aos olhos de um político é, de certa maneira, demasiada ideal, porém o

cristianismo é a religião da prática. Com efeito, a idéia de igualdade humana tão perseguida pela política, só é possível de se realizar com toda a sua radicalidade numa ordem religiosa que está fora da mundanidade, pois a política é responsável pela diversidade que impossibilita que o ideal de igualdade humana se realize.

Só a ordem religiosa, com o auxílio da eternidade, pode realizar até ao fim a igualdade humana, a qual é divina, essencial, não mundana verdadeira, e a única possível: e, diga-se para a sua glorificação, é também por isso que o religioso representa o verdadeiro neste mundo (KIERKEGAARD, 1986, p. 93).

Kierkegaard julga que há uma falsa concepção que rege a relação entre multidão e verdade. Para ele, a multidão não se relaciona com a verdade, ao menos no que tange a ser uma instância decisiva, ela se relaciona com a mentira. Para ele, a multidão fraciona a responsabilidade do indivíduo, provocando uma ausência de arrependimento, pois a multidão é um conceito abstrato e nela o homem se refugia à condição de indivíduo.

A multidão é o ser todo poderoso, mas absolutamente privado de arrependimento, que se chama ninguém; que se tenha um ser anônimo como autor, que um resíduo anônimo constitua o público por vezes até com posto de subscritores anônimos, isto é, ninguém (KIERKEGAARD, 1986, p. 93).

Com efeito, a verdade só pode ser comunicada ao indivíduo e transmitida pelo homem na qualidade de indivíduo, sendo determinada pela sua oposição, a saber: o abstrato, o fantástico, o impessoal, a multidão e o público.

Para Le Blanc, o indivíduo em Kierkegaard ao alcançar sua singularidade se opõe a massa. A edificação presente em seus discursos pertence ao singular e não a multidão. O indivíduo cristão deve manter sua relação com Deus não com o estado, é uma relação heterogênea ao mundo, embora este indivíduo não possa estar alheio ao mundo.

Le Blanc afirma que Kierkegaard ironizou os políticos de sua época e a relação da Igreja dinamarquesa com o Estado. Falar do geral, do político, de categorias sociais é uma ilusão, nelas o indivíduo não pode se realizar em sua vida interior, o indivíduo religioso não pode fundir-se ao Estado, pois o tempo, a história e o gênero humano são transitórios.

Na crítica feuerbachiana o cristianismo aparece como algo não natural, ou seja, ser cristão não é inerente a natureza humana. Para ele, a religião é um conceito

produzido pelo homem, nenhum outro animal foi capaz de produzir ou simbolizá-la, simplesmente porque só o homem é capaz de consciência, ou seja, só o homem é capaz de objetivar, de produzir ciência.

Onde existe consciência (num sentido estrito), existe capacidade para a ciência. A ciência é a consciência dos gêneros. Na vida lidamos com indivíduos, na ciência com gêneros. Mas só um ser que tem como objeto o seu próprio gênero, a sua essencialidade, pode tomar por objeto outras coisas ou seres segundo a sua natureza essencial (FEUERBACH, 2001, p. 9).

Tal crítica a naturalização do cristianismo, vai reverberar no pensamento do filósofo de Copenhague. Kierkegaard julga que o cristianismo tornou-se um comércio, e o primeiro passo foi nomear os homens desde crianças, cristãos. O batismo garantia aos comerciantes, que a religião cristã se tornasse dominante e assim a possibilidade de gerar mais lucros. Isso é uma inversão dos ensinamentos do Novo Testamento. Não obstante, uma criança não pode alcançar o estatuto de cristão, pois precisa amadurecer, se tornar homem, para que assim possa fazer a escolha de vir a ser ou não um cristão.

Quem intenciona praticar o cristianismo, deve tomar para si a tarefa do verdadeiro cristão que exige uma dolorosa renúncia, ou seja, ir contra a própria natureza. O que ocorre de forma oposta no cristianismo da cristandade.

Kierkegaard critica todo o procedimento vicioso que passa os falsos ideais cristãos de geração para geração, ou seja, o cristianismo propagado pela Igreja se estrutura de forma a que nenhum homem chegasse a ser verdadeiramente cristão. A herança cristã passada de pai para filho acaba por não afirmar, nem pai e nem filho, como verdadeiros cristãos. Pois, não assumem o cristianismo como um modo de viver. Eles não se voltam contra os próprios desejos e não entende essa exigência como condição para atingir o cristianismo.

Kierkegaard assegura que o cristianismo não veio ao mundo para ofertar tranquilidade ao homem. O cristianismo se estabelece contrariamente ao estado de natureza em que o homem pretende se acomodar. O cristianismo num sentido profundo põe o indivíduo diante de sua singularidade a ponto de gerar uma inquietude, levando-o a um conflito com sua natureza e com os homens que estão conformados com o falso cristianismo. Desta maneira, ele severamente aponta:

A verdade é que não se pode tornar-se cristão como criança. A coisa é tão impossível como o é para uma criança engendrar crianças. Tornar-se cristão supõe, segundo o

novo testamento, um crescimento humano acabado, a maturidade, a virilidade no sentido natural, para torna-se cristão rompendo com todas as coisas às quais se está ligado imediatamente [...] vê-se desde logo que toda esta história da criança tornando-se cristã e devendo torna-se a esta idade não é nem mais nem menos do que uma bagatela que os pastores, que falam bonito de bagatelas, sem dúvida em virtude de seu juramento ao Novo Testamento, inculcam nas pessoas para justificar seu trabalho e sua carreira (PAULA, 2009, p. 129-130).

Na concepção de Paula, Kierkegaard faz uma dura crítica à cristandade dinamarquesa. Esta operou o cristianismo de forma que ele fosse conduzido a sua satisfação própria, ou seja, naturalizando-o para satisfazer os desejos eróticos e estéticos do homem e assim conquistar a aprovação das massas, a cristandade vive, assim, uma farsa legalizada pelos pastores:

A cristandade dinamarquesa seria a completa inversão dos valores cristãos. Ela não se baseia no Novo Testamento, prefere o homem natural ao homem espiritual. E tenta fazer a qualquer preço uma junção de fé e razão. Tal cristandade suprime o escândalo e o paradoxo. O cristianismo se atenua tanto que se torna outra coisa. (...) ser cristão reside exatamente no desacordo. O cristão é alguém que opta por isso, que faz prevalecer uma decisão individual (PAULA, 2009, p. 127).

Com efeito, a crítica a cristandade empreendida por Kierkegaard se estende à cultura dinamarquesa de seu período, tendo em vista que ela derivava da prática pecaminosa dos falsos cristãos.

Segundo o estudioso Bruce H. Kirmmse, que analisou a época de ouro dinamarquesa (1800-1850) período assim denominado graças à intensa produção cultural daquele país, os intelectuais dinamarqueses faziam parte de uma pequena nobreza e de uma pequena burguesia acadêmica e foram eles que desenvolveram o gosto estético nesta região, pois ao publicar sua literatura para o público burguês acadêmico ou não acadêmico, acabavam também por introduzir no resto do país todo um ideal de cultura, além de que os pastores que acabariam representando o Estado dito cristão surgiam justamente desta pequena elite acadêmica.

Desta forma, quando Kierkegaard ataca os pastores de forma tão veemente e se dirige ao homem comum, que se encontrava imerso no ideal conservador do burguês burocrático acadêmico, ele pretendia demonstrar e dissolver esse falso modelo cultural acadêmico e religioso.

CONCLUSÃO

Em Feuerbach, o cristianismo é sem sentido, é algo ilusório que na verdade nunca existiu, é fruto da imaginação do homem que fantasia um mundo perfeito, uma existência perfeita, ou seja, a essência humana é posta como um ideal. Contudo, o seu projeto pretende reduzir a religião a uma antropologia, pois, quando o homem fala de Deus, na verdade esta falando de si próprio. Assim, ele não destrói completamente a religião ou o cristianismo, mas busca dar um novo estatuto: o antropológico.

Kierkegaard, assim como Feuerbach, vê a impossibilidade da manutenção do cristianismo. Primeiro por perceber que a cristandade deturpou o sentido primário do ser cristão, levando os homens a praticar um falso cristianismo, a cristandade inverteu o sentido de ser cristão, dotando-o de características mundanas. Ser cristão é uma escolha individual, é uma escolha que depois de feita requer uma decisão radical e incondicional que pressupõe a morte pro mundo terreno.

A autenticidade cristã não é algo mais possível na atualidade, Kierkegaard julga que o “homem de espírito” sustenta em si uma reduplicação, o que seria impossível para os outros homens. “O homem de espírito” pode sustentar algo que esteja contrário a sua razão, ou seja, deseja aquilo que humanamente não poderia querer. Este é o cristianismo que se configura no novo testamento. O homem comum não sustentaria tal paradoxo, põe em seu lugar a verossimilhança, ou seja, aquilo que a razão o direciona. Contudo o homem de espírito não é mais possível, pois a atualidade preserva a superficialidade, não há mais uma busca pela interioridade. A análise de Kierkegaard chega à conclusão que não há mais cristianismo, pois não há mais homens que consigam suportar e padecer pela fé.

REFERÊNCIAS

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KIERKEGAARD, Søren. *O Instante*. Madrid: Trotta, 2006.

_____. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. *Migalhas filosóficas*. Petrópolis: Vozes. 1995.

PAULA, Marcio Gimenes de. *Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard*. São Paulo: Paulus, 2009.